

## A CASA BRASILEIRA DO PERÍODO COLONIAL À ARQUITETURA MODERNA

**Mateus Henrique da Silva Pecky**

Graduando em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo ISECENSA/RJ.  
mateuspecky@gmail.com

**Ronaldo de Sousa Araújo**

Doutor em Gestão e Valoração Urbana/UPC/Barcelona/Espanha  
r.saraujo@hotmail.com

### RESUMO

O presente estudo consiste em um levantamento histórico da arquitetura nacional, focando de maneira particular as residências. O objetivo deste trabalho é reunir, através de pesquisa em diferentes meios e publicações, dados que proporcionem o entendimento da evolução da residência, tanto em seu aspecto estético quanto em sua disposição de compartimentos. Situa-se no espaço de tempo do Brasil colonial até a chegada dos ideais modernos no país. A pesquisa se vale de referências textuais e imagens para mostrar ao leitor as influências e os debates envolvendo a arquitetura ao longo do período de estudo proposto. Possibilita, por fim, a conclusão de que em cinco séculos a arquitetura brasileira passou de mera importação de conceitos à uma vanguarda de projetos.

**Palavras-chave:** arquitetura brasileira, história, moradias.

### ABSTRACT

This study consists from a historical survey of national architecture, focusing on the particular way the residences. The objective of this study is to gather through research, publications in different media and data that provide an understanding of the evolution of residence, both in its aesthetic aspect and its layout of compartments. Spanning the length of time of colonial Brazil until the arrival of modern ideals in the country, the research relies on textual references and pictures to show the reader the influences and debates surrounding architecture over the period of proposed study. Nearing the end the conclusion that in five centuries Brazilian architecture changed from mere importation of concepts to a vanguard project.

**Keywords:** Brazilian architecture, history, housing.

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, a partir da produção nacional de arquitetura, surge do interesse de seu autor em entender o panorama atual da arquitetura no Brasil, buscando no seu passado a existência de referências que expliquem os projetos desenvolvidos hoje.

O estudo se concentra no espaço de tempo que se inicia com o período colonial no século XVI até o período moderno da arquitetura nacional que termina no final da década de 1960.

No trabalho existe o objetivo de se reportar às obras de naturezas semelhantes e valores reconhecidos tais como *Quadro da arquitetura no Brasil* de Nestor Goulart Reis, *Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990* de Hugo Segawa, *500 anos da casa do Brasil: Transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia* de Francisco Salvador Veríssimo e William Seba Mallmann Bittar, entre outras publicações e artigos.

Entre as intenções que norteiam a pesquisa estão: revisitar este período da arquitetura brasileira demonstrando suas variadas nuances e identificar a relação do passado com a produção atual.

O artigo está organizado através de tópicos abordando alguns dos principais estilos arquitetônicos da história do país.

## 2. DISCUSSÃO

### 2.1 Período Colonial

Relatos históricos de alguns autores são bastante significativos para explicar a maneira como surgiu a casa no Brasil.

Destaca-se para melhor situar o leitor o seguinte trecho:

[...] o português foi uma espécie de coordenador, orientador e homogeneizador dessa moradia. Com o índio, aprende que cozinhar nos trópicos é uma tarefa a ser feita do lado de fora; numa varanda ou num puxado do lado da casa. A solução para o escoamento das grandes chuvas ele copia da experiência aprendida no Oriente, trazendo dessas regiões as inflexões dos telhados e dos beirais alongados com desenhos graciosos. De Portugal traz as paredes caiadas e os portais coloridos, tão comuns nas paisagens do Minho, do Alentejo e do Algarve. Transforma a pequena casa portuguesa, por força do modelo econômico, numa ‘casa-grande’, à qual agrega os escravos africanos num puxado ao lado da cozinha, que se denominou senzala (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

Ainda nessa linha tem-se o relato de um famoso viajante do século XIX, L. Vauthier (1975), que em uma carta a um amigo escreve: “Assim quem viu uma casa brasileira viu quase todas.” O que denota um período de aproximadamente três séculos onde uma tipologia calcada na residência portuguesa prevaleceu de maneira constante, tendo nesse meio alguma influência francesa trazida ao Rio de Janeiro no século XIX.

Um segundo fator que se relaciona à moradia surge da composição da família possuidora de características bastante miscigenadas.

A família brasileira, contingente básico da célula de morar, é um produto da miscigenação branca, índia e africana, responsável por sentimentos perceptíveis e outros sequer imagináveis geradores de seu próprio espaço de permanência, local de realização de toda sorte de atividades: abrigo, alimentação, educação, trabalho, repouso, religião, lazer, sexo (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

Então que residência era essa?

A princípio temos dois modelos representativos nos quais pode-se dividir a moradia colonial: as casas térreas e os sobrados. Ambos os modelos são caracterizados, segundo Aline Lusa (2009), pelas construções erguidas sobre o alinhamento das vias públicas e sobre os limites laterais dos terrenos.

Os sobrados começaram a ser construídos pelas famílias mais abastadas. Estes tinham o pavimento térreo ocupado pelo comércio e o pavimento superior destinava-se a moradia da família – a planta baixa do pavimento superior do sobrado continua a mesma da casa térrea, sem modificações significativas. O pavimento superior corresponde ao inferior – sem reentrâncias ou balanços. É importante ressaltar que apenas famílias que possuíam escravos habitavam os sobrados, pois eram os escravos que faziam todo o transporte de alimentos e demais produtos para a residência (DEBARBA et al, 2010).



Figura 1 - Casas térreas em Paraty. Fonte: Haroldo Castro, 2011.

As diferenças sociais das famílias eram percebidas fortemente na arquitetura através da eira e da beira: detalhes presentes nos beirais e que eram uma forma bem clara de mostrar o poderio das famílias (DEBARBA et al, 2010).

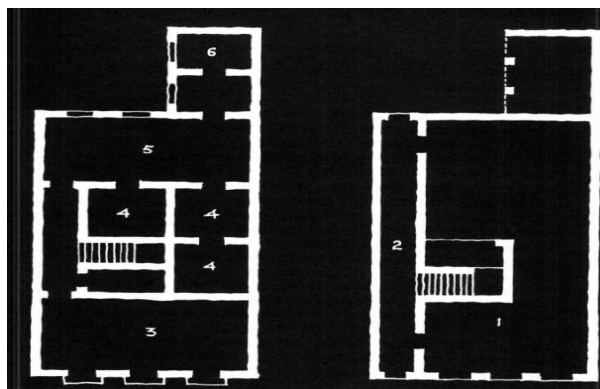
A fachada básica da casa colonial era composta por uma porta, sempre frontal e duas janelas. Quanto às fachadas dos sobrados, continuam mantendo a métrica das casas térreas: as janelas dos pavimentos inferiores correspondem com as do pavimento superior. As casas e sobrados, com exceção dos casarões dos senhores, eram construídos lado a lado, por isso a ventilação ocorria somente em um sentido. Já no final do período começaram a ser utilizados revestimentos cerâmicos nas fachadas: a grande maioria dos azulejos era em tons de azul e amarelo devido aos pigmentos existentes na época (DEBARBA et al, 2010).



Figura 2 - Sobrados na cidade de Ouro Preto. Fonte: Eráclito Pereira, 2011.

Ainda a respeito da casa do período colonial temos o seguinte:

E em seguida que serão essas construções longas que não recebem ar e luz senão pelas duas extremidades? Essa forma rígida, esse tipo único. Comprimido na largura, não se presta nada, bem o compreendeis, a uma grande variedade de disposições internas (VAULTIER, s.d.).



1. loja; 2. corredor de entrada para residência, independente da loja; 3. salão; 4. alcovas; 5. sala de viver ou varanda; 6. cozinha e serviços.

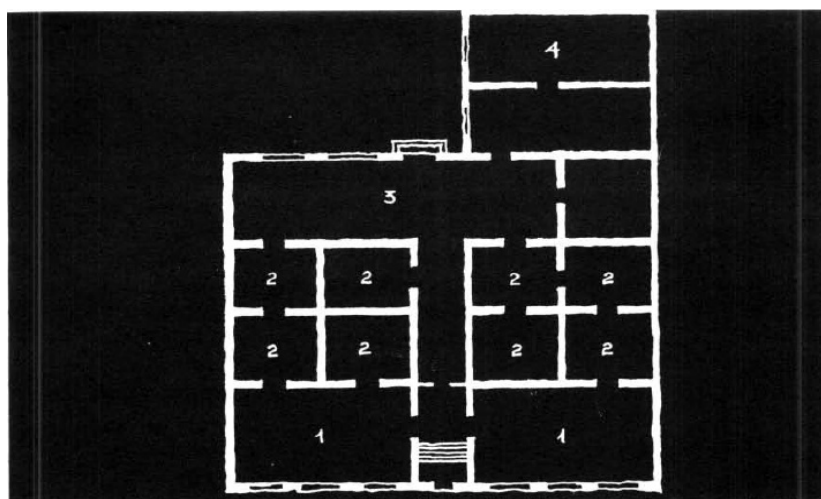
Figura 3 - Planta baixa da residência colonial. Fonte: Koishi Shidara, 1970.

Entretanto, no período final do século XVIII podem ser notados elementos classicistas no país, oriundos da atuação de arquitetos enviados pelo Marquês de Pombal para auxiliarem nas demarcações territoriais determinadas pelo Tratado de Madri. Arquitetos como Mestre Valentim, que atuou na virada do século, inspiravam-se nos modelos gregos e no iluminismo, buscando equilíbrio, ordem, racionalidade e disciplina, podendo assim ser considerados precursores um movimento que viria a se firmar posteriormente (CZAJKOWSKI e SENDRYK, 2000).

## 2.2 Neoclassicismo

Segundo Vieira (2007), entre 1800 e 1850, a presença da Corte, da Missão Cultural Francesa e a fundação da Academia de Belas Artes favoreceram as construções mais refinadas. Esse período ficou conhecido como o período Neoclássico da arquitetura nacional.

Uma nova tipologia residencial apareceu: a casa de porão alto, ainda de frente para a rua, que representou a transição entre o velho sobrado e a casa térrea. Para solucionar o problema de desnível entre o piso da habitação e o plano da rua, construiu-se uma pequena escada em seguida à porta de entrada (VIEIRA, 2007).



1. salão; 2. alcovas; 3. sala de viver ou varanda; 4. cozinha e serviços.

Figura 4 - Planta baixa da residência neoclássica. Fonte: Koishi Shidara, 1970.

Como características desse período:

As plantas são simplificadas como no período anterior, paredes grossas, alcovas e corredores, telhados elementares e balcões de ferro fundido. Introdução do uso da platibanda do vidro simples ou colorido, principalmente nas bandeiras de portas e janelas. Existia a valorização dos elementos interiores como a escada torneada [...] Neste período também surgem as estátuas que eram colocadas sobre as edificações como elementos de decoração [...] As coberturas, diferente do período colonial começaram a ficar mais complicadas já com quatro águas, as laterais lançando livremente sobre as casas vizinhas, elementos que eram mais simples no período colonial. A cor que permanece nas edificações é a branca pela falta de possibilidades, mas ao passar do tempo foram surgindo timidamente algumas cores. O eixo central da edificação ganha destaque e ornamentos marcando a simetria e proporção do prédio (MONTEZUMA, 2002).



Figura 5 - Antiga casa em estilo neoclássico e hoje transformado em Museu. Fonte: Museu da Casa Brasileira, 2014.

Não se pode deixar de citar, ainda, a contribuição e influência francesas para o urbanismo das cidades da época, como o registro feito no trecho:

Com a chegada da Missão Francesa em 1816, não foi apenas a arte neoclássica que atracou no Brasil, mas ideias de higiene e saneamento que iriam modificar o urbanismo das cidades, transformando o viver no Brasil Colônia (PETER, 2007).

### 2.3 Ecletismo

Mais próximo ao final do século XIX era possível perceber que a fidelidade de estilo dava lugar a uma construção mais eclética, tanto que:

Alguns arquitetos procuravam seguir influências de diversos estilos em uma única construção, utilizando influências do Barroco, Arte Oriental, Clássico e também dos recém-surgidos *Art Déco* e *Art Nouveau*. [...] A arquitetura Eclética tem para a história grande valor porque relata esses momentos de profundos paradoxos na vida do homem moderno. [...] Acontecia um

crescimento rápido de muitas cidades brasileiras, de maneira que no início do séc. XX, a casa [...] ganha um acesso e varanda laterais e comumente é geminada com sua vizinha. Os portões e gradis são de ferro e essa casa pode receber ainda uma profusão de influências de períodos distintos do passado (ARALDI e VISOLI, 2009).



Figura 6 - Típica residência em estilo eclético. Fonte: Ricardo Frantz, 2008.

Algumas outras características da arquitetura eclética confirmam que novos traços foram combinados com novos espaços para atender ao desejo por uma moradia de maior ‘ostentação’:

Ela se caracterizou também pela simetria, busca de grandiosidade, rigorosa hierarquização dos espaços internos e riqueza decorativa. Ela se destacava por usar as esquinas como entrada, apesar de não ser um pressuposto do ecletismo, os edifícios continham bastante brasilidade e no frontão demonstravam o uso do prédio (DEBARBA et al, 2010).

Uma maior compreensão do que foi o ecletismo no final do século XIX pode ser obtida a partir da seguinte afirmação:

No centro de uma das questões fundamentais do Ecletismo (está) a da representação, a da teatralização da vida. Não é por acaso que sua manifestação mais importante se concentra na fachada [...] a arquitetura deve ser representativa, deve evidenciar através da forma exterior e da estrutura o status de seu ocupante, seja ele o Estado, seja ele o indivíduo particular. É por isso que a decoração se torna um elemento indispensável a ser usado em larga escala, que se multiplica a função ilusionista dos materiais [...] (FABRIS, 1993).

Nos bairros de classe média e mesmo em bairros mais populares verificava-se o surgimento de edificações estruturalmente simples, que sintetizavam as aspirações de prestígio e ascensão social de seus habitantes e a vontade contribuir, medida do possível, à qualificação e ao embelezamento da cidade, patrimônio imaginário comum a toda a sociedade (FABRIS, 1993).

Para Nestor Goulart (1970) o ecletismo propunha uma conciliação entre os estilos e foi um veículo estético eficiente para a assimilação de inovações tecnológicas de importância. Tornando possível aos arquitetos soluções plásticas e construtivas mais complexas. Trazendo ainda recursos de conforto semelhantes aos de habitações europeias.

Anos depois, sob influência dos seguidores do Modernismo o estilo eclético passaria a ser considerado por muitos uma aberração, levando até a demolição de algumas obras icônicas desse tempo.

Somente no final do século o Eclétismo voltou a ter seu valor reconhecido como uma expressão legítima de determinada fase da história arquitetônica nacional, e por isso merecedor de atenção, respeito e proteção (ANDRADE JÚNIOR, 2007).

## 2.4 Neocolonialismo

Já nas primeiras décadas do século XX o que se viu foi um debate em busca de uma identidade nacional e modernização na arquitetura. No centro deste debate estava o engenheiro civil e arqueólogo português Ricardo Severo (NATAL, 2009).

Segundo Caion Meneguello, em conferência na sociedade de cultura artística, cidade de São Paulo, em julho de 1914, Ricardo Severo propôs uma arquitetura que concebesse o passado colonial brasileiro como fonte de uma tradição histórica e artística nacional. Propôs também, o ressurgimento dos elementos de composição das construções do tempo da colônia (NATAL, 2009).

Severo posicionou-se contrário à *art nouveau*, que estava em moda nos principais centros urbanos. Denunciou o eclétismo e a presença de uma arquitetura sem tradição local e identidade nacional. Tratou os novos estilos como falsos e plágios desprovidos identidade nacional, a serviço da universalização e homogeneização da arquitetura (NATAL, 2009).

O discurso nacionalista de Ricardo Severo encerrava não apenas uma intenção preservacionista, no sentido de documentar e conservar os exemplares de arquitetura colonial, mas, sobretudo, indicava as bases de formulação de um novo estilo arquitetônico que se assentasse nos legados da arte colonial.[...] Pode-se dizer que o estilo neocolonial que se desenvolve a partir da década de 1910, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, é tributário desse discurso nacionalista de Ricardo Severo (NATAL, 2009).



Figura 7 - Residência em estilo neocolonial em São Fidélis. Fonte: acervo do autor, 2014.

Apesar de todo esse discurso não foi somente Severo que buscava um modelo mais tradicional:

Foi o proselitismo do médico e historiador de arte José Mariano Filho, no Rio de Janeiro, no entanto, que assegurou maior repercussão à linha tradicionalista com maiores consequências que a ação de Severo em São Paulo. Responsável pela denominação “neocolonial” ao movimento, seu ativismo, a partir de 1919 como ideólogo e incentivador junto aos arquitetos e artistas abriu espaço para que uma série de obras públicas de porte fossem executadas com inspiração na arquitetura tradicional brasileira. A pregação de Ricardo Severo e José Mariano Filho foi bastante bem sucedida em frentes distintas (SEGAWA, 2010).

Esse período “assiste” algumas mudanças no modo de morar com a evolução dos antigos cortiços tornando-se vilas formadas por casas térreas e sobrados em torno de uma área comum. Jardins simples à frente da casa delimitam a fronteira com a rua. Quanto à disposição interna não há grande mudança (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).

## 2.5 Art Nouveau

Praticado no país juntamente com o movimento Neocolonial temos o *Art Nouveau*, sendo esta mais uma tentativa de apresentar algo novo a arquitetura nacional. A *Art Nouveau* foi um estilo internacional de arte e arquitetura caracterizado pela fluida e requintada ornamentação inspirada em motivos vegetais, às vezes se aproximando da abstração e da geometria, procurando a integração entre fachadas, interiores e mobiliário (MORAES, 2003).

O *Art Nouveau* se insere em meio a sociedade moderno, reagindo ao historicismo da Arte Acadêmica do século XIX e ao sentimentalismo e expressões líricas dos românticos. Visa adaptar-se à vida cotidiana, mudanças sociais e ao ritmo acelerado da vida moderna. Vai de encontro aos princípios de produção em série e ao acabamento menos sofisticado, revalorizando a beleza, colocando-a ao alcance de todo (Enciclopédia Itaú Cultural, 2008).

Sendo assim o *Art Nouveau* pode ser resumido em alguns pontos chave: temática naturalista; preferência por ritmos baseados na curva e variantes; ondulação e sinuosidade; elasticidade, leveza, juventude e otimismo (DEBARDA et al, 2010).

No Brasil, porém, segunda a análise de Marina de Oliveira (2005), o estilo parece ter chegado desvitalizado, como mais uma das variações exóticas e decorativas do ecletismo, encontrando seu principal espaço na decoração de fachadas, interiores e nos trabalhos de ferro forjado.



Figura 8 - Vila Penteadado em São Paulo, exemplar da arquitetura *Art Nouveau*. Fonte: Juliana Piesco, 2012.

## 2.6 Art Decó

Nesse mesmo período, mas já no contexto da industrialização e expansão urbana aceleradas, aparece a *Art Déco*. Tida como um divisor de águas, um passo importante para os futuros desenvolvimentos da arquitetura modernista. É uma síntese de várias fontes e referências como a própria *Art Nouveau*, Cubismo, Bauhaus, Expressionismo, arte africana e egípcia, Neoplasticismo, design de máquinas e navios, também podendo ser entendida como a derradeira manifestação do Ecletismo (CONDE e ALMADA, 2000).

A penetração do estilo *Decó* foi ampla no Brasil em todos estratos sociais tendo seu auge nos anos 30 e 40, deixando um importante legado que hoje é desvalorizado e esquecido. Sua aplicação em vilas populares e arquitetura fabril propôs soluções integradas à variedade de climas e contextos sociais no país;



em termos de distribuição, função e dimensionamento de espaços; volumes, aberturas e no uso de materiais regionais (CORREIA, 2008).



Figura 9 – Residência e antiga residência transformada em comércio remanescente do estilo Art Decó em São Fidélis. Fonte: acervo do autor, 2014.

A arquitetura nesse período, caracterizada pela geometrização, predominância de linhas retas e circulares estilizadas, reentrâncias e volumes destacados, escalonamento de planos, entre outras marcas, é considerada ainda um momento de transição entre o eclético e o moderno (DEBARBA et al, 2010).

## 2.7 Modernismo

Mais uma vez sentindo a necessidade de uma renovação definitiva no panorama arquitetônico nacional temos em meados da década de 1920, segundo Mauro Claro (2008) os primeiros passos em direção ao que conheceríamos como a arquitetura moderna brasileira. Os primeiros passos foram dados por um russo, Gregory Warchavchik, em São Paulo.

Em 1925 escreveu Warchavchik:

A nossa arquitetura deve ser apenas racional, deve basear-se apenas na lógica e esta lógica devemos opô-la aos que estão procurando por força imitar na construção algum estilo.

De impacto muito forte, essa primeira experiência de Warchavchik assustou o público leigo e especializado, e de certa forma ignorou alguns princípios básicos da arquitetura da arquitetura tropical. A fachada inteiramente “lavada”, sem proteções contra sol ou chuva. Da mesma forma os terraços, descobertos, inadequados ao excessivo índice pluviométrico de São Paulo ou para regiões de forte sol (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999).



Figura 10 - Residência na Rua Itápolis por Gregory Warchavchik. Fonte: acervo da família Warchavchik, 1929.

A principal busca desse período era a de uma síntese entre os princípios modernos europeus de extrato corbusieriano e a tradição construtiva colonial brasileira. Havendo ainda uma preocupação sempre renovada de uma relação equilibrada e harmoniosa deste com a paisagem tropical exuberante, pouco a feita ao controle civilizacional devido sua pujança e vigor infundável (GUERRA e CASTROVIEJO RIBEIRO, 2006).

Segundo Ana Elísia da Costa (2012) o modernismo trouxe avanços radicais à estética e à técnica de construção, onde predominam linhas geométricas simples e puras, mas muitas vezes ousadas, e o concreto armado, o aço e o vidro assumem papel de destaque.

O prédio do Ministério da Educação e Saúde, iniciado em 1937 no Rio de Janeiro, e o pavilhão brasileiro de 1939 na Feira Mundial de Nova York, projetos que levam as mãos de Niemeyer e Lúcio Costa, são geralmente considerados os marcos iniciais dessa nova arquitetura. A partir de então, a arquitetura brasileira foi ilustrada por diversas revistas e exposições foram organizadas em diversos países (MOIMAS, 2014).



Figura 11 - Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro por Lucio Costa. Fonte: arquivo de Gustavo Capanema, s.d.

A arquitetura moderna teve larga adesão nas mais diversas camadas sociais e regiões do país. Não sendo exagero dizer que o Brasil foi atingido por uma “epidemia” moderna que cobriu as periferias dos grandes centros urbanos e até mesmo de alguns locais recônditos, como o sertão nordestino, com reinterpretações da produção erudita por meio de uma produção telúrica e quase pictórica (CAVALCANTI e DO LAGO, 2005).

Já nos projetos da Pampulha, um Niemeyer amadurecido, afasta-se da sintaxe corbusieriana e caminha para uma expressão mais pessoal. A pequena capela de São Francisco se apresenta como a obra mais instigante do conjunto por conta do emprego inovador de uma casca parabolóide para a nave principal (SEGAWA, 2010).



Figura 12 - Capela de São Francisco por Oscar Niemeyer. Fonte: Jomar Bragança, 2005.

Ainda é possível dizer que se há um período onde a arquitetura brasileira esteve na vanguarda da arquitetura mundial esse período foi o moderno, como podemos perceber pelo que escreveu Valentina Moimas (2014):

“[...] a arquitetura moderna brasileira estava na ponta de lança do cenário internacional. O catálogo da exibição *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1642-1942*, organizado no Museu de Arte Moderna (MoMA) em Nova York por Philip Goodwin em 1943, contribuiu imensamente para sua influência.”

Em 1980 Mário de Andrade teceu o seguinte comentário sobre o catálogo *Brazil Builds*:

“Já escutei brasileiro, não apenas assombrado, mas até mesmo estomagado, diante desse livro que prova possuímos uma arquitetura moderna tão boa como os mais avançados países do mundo. Essa consciência de nossa normalidade humana só mesmo os estrangeiros é que podem nos dar. Porque nós, pelo mesmo complexo de inferioridade, ou reagimos caindo num por-que-me-ufanismo idiota, ou num jecatuísmo conformista e apodrecente.”

Na década de 1960 surgem tendências alternativas à onipresença de Corbusier, buscando uma aproximação com fontes nacionais, voltando a ser usados materiais e técnicas vernáculos como a cerâmica e o tijolo aparente. A escola brutalista cultivada em São Paulo também acrescentou dados novos ao cenário propondo soluções de geometria mais arrojada, inspiradas no Construtivismo (LUCCAS, 2013).

Criadores como Lina Bo Bardi, Luiz Paulo Conde, Severiano Mário Porto, Francisco de Assis Reis e Jaime Lerner iniciavam um processo de crítica e revisão mais informalista e intuitiva do racionalismo modernista ortodoxo. Com isso a unidade de pensamento que havia se formado em torno da influência de

Corbusier se quebra, instala-se uma atmosfera de crise de valores, e surgem adaptações e releituras livres do repertório formal anterior, abrindo caminho para o eclético historicismo pós-moderno (LUCCAS, 2008).

### 3. CONCLUSÃO

No decorrer desse período de quase quinhentos anos, foi possível constatar que ocorreu uma série de mudanças na forma de se projetar no país. Em certos momentos sutis e em outros de maior profundidade, mas que foram importantes no processo de afirmação cultural do nosso país. Desde mudanças de cunho plástico até as mudanças comportamentais na maneira de se fazer arquitetura.

Passando pela importação de valores europeus, a busca por uma identidade nacional na arquitetura e culminando em um momento de vanguarda, em um curto espaço de tempo viu-se no país uma série de debates em busca do aperfeiçoamento técnico e estilístico da arquitetura. Onde em alguns casos estilos se alastravam por todo país e camadas sociais, sendo adaptados as suas possibilidades locais.

Espaços como os banheiros e as cozinhas, passaram ao longo dos anos de meros anexos das residências a importantes espaços. Os banheiros ganharam tamanho e muitas vezes passaram a ser mais de um por edificação. As cozinhas hoje estão perfeitamente integradas as salas de estar. Temos ainda a garagem que deixou de ficar escondida nos fundos do lote para ganhar espaço de destaque na frente, onde os moradores podem mostrar os seus carros, símbolo da ascensão social.

Foi notório dar conta de que desde o início, - e nisso não somos o único país, fomos marcados pela injusta distribuição de renda, o que faz do “rincão do mundo” muito mais que um lugar para se morar. É, sobretudo, um lugar para uma existência social desigual. Assim, foi possível contrapor o sobrado colonial das famílias abastadas com as casas térreas, os opulentos casarões neoclássicos e neocoloniais com os pequenos casebres de humildes dimensões, as mansões modernas e seus enormes panos de vidro com os simplórios barracos das nossas favelas.

Por fim, vale ressaltar que seja de maior ou menor abrangência, cada um dos estilos arquitetônicos que surgiram em meio ao período de estudo teve importância na formação do panorama atual da arquitetura no país, e que é de extrema importância a preservação dos representantes desses estilos nos nossos meios urbanos afim de manter viva parte importante da história do nosso país.

### 4. REFERÊNCIAS

ANDRADE JÚNIOR, Nivaldo Vieira. *A Influência Italiana na Modernidade Baiana: O caráter público, urbano e monumental da arquitetura de Filinto Santoro*. Em: [http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_fs\\_vnaj.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_fs_vnaj.htm). Acesso em: 29 de abril de 2014.

ARALDI, Débora. VISOLI, Laís. *Arquitetura eclética*. Em: <http://arquibrasil.wordpress.com/2009/09/28/arquitetura-eclética>. Acesso em: 01 de abril de 2014.

ARTES VISUAIS, *Enciclopédia Itaú Cultural*. Art Nouveau. Em: [http://www.itaucultural.org.br/AplicExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=909&cd\\_item=8&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/AplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=909&cd_item=8&cd_idioma=28555). Acesso em: 30 de maio de 2014.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado, [s.d.].

CAVALCANTI, Lauro. DO LAGO, André Correa. *Ainda moderno? Arquitetura brasileira contemporânea*. Em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.066/404>. Acesso em: 13 de março de 2014.

CLARO, Mauro. *Ambientes modernos. A casa modernista da Rua Santa Cruz, de Gregori Warchavchik, e outras casas da modernidade*. Em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/09.025/1775>. Acesso em: 01 de junho de 2014.

CONDE, Luiz Paulo Fernandez. ALMADA, Mauro. *Guia da arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

CORREIA, Telma de Barros. *Art Decó e Indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940*. In: Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, 2008.

COSTA, Ana Elisia da. *Janelas Modernas: Materialidade das aberturas na arquitetura moderna de Caxias do Sul*. Rio Grande do Sul: UCS, 2012.

CZAJKOWSKI, Jorge. SENDRYK, Fernando. *Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

DEBARBA, André Luís. GREGORY, Angélics. FRANKEN, Angela Pulga. BRUXEL, Daniela Cristina. *Período Colonial*. Em: <http://arquitracobrasil.wordpress.com/periodo-colonial-1530-a-1830>. Acesso em: 21 de março de 2014.

FABRIS, Annateresa. *Arquitetura eclética do Brasil: o cenário da modernização*. São Paulo: Anais do Museu Paulista, 1993.

FILHO, Nestor Goulart Reis. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectivas, 1970.

GUERRA, Abílio. CASTROVIEJO RIBEIRO, Alessandro José. *Casas brasileiras do século XX*. Em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.074/335>. Acesso em: 15 de março de 2014.

LUCAS, Luís Henrique Hass. *Arquitetura contemporânea no Brasil: da crise dos anos setenta ao presente promissor*. Em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.101/99>. Acesso em: 12 de junho de 2014.

LUCAS, Luís Henrique Hass. *Da integração das artes ao desenho integral: interfaces da arquitetura no Brasil moderno*. Em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.160/4877>. Acesso em: 12 de junho de 2014.

LUSA, Aline. *Arquitetura colonial*. Em: <http://arquibrasil.wordpress.com/2009/09/29/arquitetura-colonial/>. Acesso em: 18 de março de 2014.

MOIMAS, Valentina. *Arquitetura Moderna no Brasil. Uma história em processo de escritura*. Em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.168/5217>. Acesso em: 20/09/2014.

MONTEZUMA, Roberto. *Arquitetura Brasil 500 anos: uma invenção recíproca*. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

MORAES, George Augusto Moraes de. *A Contribuição de Manoel Itaquí para a Arquitetura Gaúcha*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

OLIVEIRA, Marina Goldfarb de. *A Presença do Art Nouveau na Rua das Trincheiras*. Paraíba: UFPB, 2005.

NATAL, Caion Meneguello. *A Retórica da Tradição: tempos e espaços da arquitetura neocolonial no Brasil*. Fortaleza: Anais do XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2009.

PETER, Glenda Dimuro. *Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas*. Em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/222>. Acesso em: 19 de abril de 2014.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 2010.

VAUTHIER, L.L. *Casas de residência no Brasil*. In: *Arquitetura Civil I* (Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador. BITTAR, William Seba Mallmann. *500 anos da casa do Brasil: Transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VIEIRA, Maria Elena Merege. *O jardim e a paisagem*. São Paulo: Annablume, 2007.

WARHAVCHIK, Gregori. *Manifesto: Acerca da Arquitetura Moderna*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1925.